

**GREVE
NACIONAL
DOS DOCENTES
FEDERAIS 2015****UFMT****ANDES**
SINDICATO NACIONAL
CSP - CONLUTAS

FÓRUM DOS SPF'S SUGERE CONTRAPROPOSTA AO GOVERNO; BASES DEVEM ANALISAR

Conforme encaminhado na reunião do Fórum Nacional das Entidades dos Servidores Público Federais (SPF's) do dia 21/07, formamos uma comissão de entidades (SINAL, ASSIBGE-SN, SINASEFE, CONDSEF e ASFOC-SN) para elaborar um estudo de contraproposta ao governo. A intenção é tentar avançar no processo de negociação da Campanha Salarial Unificada. Logo, as bases das entidades devem avaliar o estudo e encaminhar suas considerações ao Fórum dos SPF's.

Em outra reunião do Fórum (dia 27/07) a comissão apresentou o resultado do estudo. Apesar do governo ter oferecido reajuste dos benefícios (alimentação, auxílio creche e auxílio saúde), a compreensão do Fórum é que devemos manter a defesa da isonomia entre os poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) para os benefícios, conforme a pauta original da Campanha Salarial Unificada dos SPF's.

A proposta original do Fórum, em relação ao índice linear de 27,3%, levou em consideração a inflação acumulada desde 1º de julho de 2010 (data da vigência da última parcela do reajuste trienal concedido em 2008 para algumas categorias) até janeiro de 2015. Agregado a isso, a projeção de inflação até dezembro de 2016 e 2% de aumento real, em uma parcela única para 2016, descontando o reajuste de 15,8% concedido no acordo de 2012, em três parcelas, para algumas entidades, como ao ANDES-SN.

Na mesa de negociação, realizada no dia 25/06 entre o Fórum dos SPF's e o MPOG, foi apresentada a contraproposta do governo de um índice de reajuste de 21,3%, parcelado em quatro anos: 5,5% em 2016; 5,0% em 2017; 4,75% em 2018 e 4,5% em 2019.

Nessa proposição, o governo desconsidera as perdas inflacionárias do período anterior a 2016 e



aponta projeções de inflações futuras, mas sem nenhuma reposição dos indicadores de inflação para os quatro anos seguintes.

Tendo em vista que, na sequência, o governo reafirmou a sua contraproposta, e que as mesas setoriais somente avançariam nas pautas específicas condicionadas à assinatura do acordo, o Fórum elaborou um estudo próprio de contraproposta para avaliação das entidades. Este estudo aponta um índice de reajuste linear de 19,7% em uma única parcela para 2016.

O cálculo feito levou em consideração a inflação acumulada desde 1º de julho de 2010 até junho de 2015 (data do último índice de inflação real), descontando o reajuste de 15,8% concedido no acordo de 2012, em três parcelas, para algumas entidades dos SPF.

Portanto, o estudo de contraproposta mantém a defesa do acordo anual e de reposição das perdas inflacionárias do último período. Cabe ressaltar que os demais pontos da pauta unificada dos SPF's se mantêm na forma como foi protocolada em fevereiro de 2015.

Importante destacar que esse estudo trata da mesa geral de negociação com as entidades nacionais dos SPF's, portanto, não está vinculada à pauta específica da greve nacional dos docentes federais. Ainda, em relação à pauta do ANDES-SN, reafirma-se que qualquer índice de reajuste salarial e impacto orçamentário proveniente poderá ser utilizado, na mesa de negociação setorial, para a reestruturação da carreira docente, conforme nossa concepção de carreira.

Fonte: ANDES-SN
Créditos Foto: ANDES-SN

QUADRO ATUALIZADO DA DEFLAGRAÇÃO DA GREVE NAS IFES:

Nº	SEÇÃO SINDICAL	IFE	Nº	SEÇÃO SINDICAL	IFE
01	ADUFAC	Univ. Federal do Acre	22	ADUFCG-PATOS	Univ. Federal de Campina Grande - Patos
02	ADUA	Univ. Federal do Amazonas	23	ADUC	Univ. Federal de Campina Grande - Cajazeiras
03	SINDUFAP	Univ. Federal do Amapá	24	ADUFMAT	Univ. Federal do Mato Grosso
04	ADUFRA	Univ. Federal Rural da Amazônia	25	ADUFMAT- ROO	Univ. Federal do Mato Grosso - Rondonópolis
05	ADUFPA	Univ. Federal do Pará	26	CAMPUS GOIÁS	Univ. Federal de Goiás
06	SINDUNIFESSPA	Univ. Federal do Sul e Sudeste do Pará	27	ADCAJ	Univ. Federal de Goiás - Jataí
07	SINDUFOPA	Univ. Federal do Oeste do Pará	28	ADCAC	Univ. Federal de Goiás - Catalão
08	ADUNIR	Univ. Federal de Rondônia	29	ADUFDOURADOS	Univ. Federal da Grande Dourados
09	SESDUF-RR	Univ. Federal de Roraima	30	ADUFMS	Univ. Federal de Mato Grosso do Sul
10	SESDUFT	Univ. Federal de Tocantins	31	SESDIFMT	Instituto Federal do Mato Grosso
11	SINDIFPI	Instituto Federal do Piauí	32	ADLESTE	Univ. Federal do Mato Grosso do Sul - Três Lagoas
12	ADUFERSA	Univ. Federal Rural do Semiárido	33	ADUFF	Univ. Federal Fluminense
13	ADUFAL	Univ. Federal de Alagoas	34	ADUFRJ	Univ. Federal do Rio de Janeiro
14	ADUFS	Univ. Federal de Sergipe	35	ADOM	Univ. Fed. dos V. do Jequitinhonha e Mucuri - Campus de Mucuri
15	ADUFPB	Univ. Federal da Paraíba	36	ADUFLA	Univ. Federal de Lavras
16	SINDUNIVASF	Univ. do Vale do São Francisco	37	SINDFAFEID ou ADUFVJM	Univ. Fed. dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - Diamantina
17	APUB	Univ. Federal da Bahia	38	CLG - UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
18	APUR	Univ. do Recôncavo da Bahia	39	ANDES-SN/UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
19	ADUFOB	Univ. Federal do Oeste da Bahia	40	CLG - UNILAB	Univ. da Integ. Intern. da Lusofonia Afro-Brasileira
20	APRUMA	Univ. Federal do Maranhão	41	ADUFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
21	ADUFCG	Univ. Federal de Campina Grande			

DA “FARRA” AO “GREVISMO”

Desde o dia 29/06, quando o jornalista Onofre Ribeiro (O.R.) publicou o artigo “Grevismos”, condenando a greve na UFMT, tenho pretendido dialogar com o colega. Todavia, outras pautas me absorveram. Por isso, só hoje achei o tempo para este diálogo.

Começo lembrando de quando conversei pela primeira vez com O.R. Foi no segundo semestre de 91, dentro de um ônibus da UFMT que seguia para Sinop.

Motivo da viagem: técnicos, professores da UFMT e convidados, como o jornalista O.R., a ceramista Domingas da comunidade São Gonçalo, o artista Benedito Nunes e tantas outras pessoas, ofereceriam cursos de atualização para professores das redes estadual e municipais. Isso foi um projeto da UFMT chamado “Unestado: a Universidade no Estado”.

Vejam as coincidências!

Já dentro do ônibus, conversando com participantes da caravana, falei de uma inquietação minha: um artigo (“Que bela farra”, de 16/08/91) publicado contra a maior greve que os professores do Estado de MT já conseguiram realizar até hoje; e citei o nome do autor: O.R.

Quando eu disse aquele nome, alguém falou: “ele está aqui dentro do ônibus”!

Pedi que me apresentasse a ele.

Apresentados, comuniquei ao O.R. que aquele seu artigo seria analisado, por mim, no curso de redação (na forma e no conteúdo) com os professores de Sinop.

Detalhe: muitos dos professores daquela cidade estiveram na referida manifestação de greve, vista, por O.R., como “farra”.

Fiz mais: convidei o jornalista para falar com os professores, uma vez que seu artigo seria objeto de estudo em sala de aula.

Onofre, infelizmente, evitou o contato cara-a-cara com os professores, que aceitando um pedido meu, e respeitando a decisão do colega, não foram até onde ele estava; e ele estava bem próximo de nós todos, no mesmo colégio.

Agora, vamos ao “grevismos”, escrito por O.R.

Como seu artigo foi publicado no dia 29/06, afirmo: já no 1º parágrafo há uma inverdade. Naquele dia, nossa greve, deflagrada no dia 28/05, completava 31 dias, e não “dois meses”, como afirma O.R.

No 5º parágrafo, surgem outras imprecisões, oriundas de desinformações, pelo menos em relação às federais: 1ª) que não temos riscos do desemprego; 2ª) que trabalhamos “muito menos” do que os demais brasileiros; 3ª) que temos vantagens com planos de saúde; 4ª) que temos “feriados em grande quantidade”.

Eis algumas informações ao colega O.R.:

1ª) a “estabilidade” não nos garante a eternidade no serviço. Podemos, sim, perder o emprego se formos reprovados no estágio probatório ou se algum processo administrativo apontar para isso; há vários casos.

2ª) temos sobrecarga de atividades. Raro é o professor que tem um fim semana sem trabalhar em sua casa, ou no terceiro turno (noites a dentro). Nada disso é computado e nem pago. Essas horas extras não são vistas por ninguém;

3ª) como qualquer cidadão, os planos de saúde são pagos por quem os têm. Apenas o Geap tem um “incentivo” miserável do gover-

no federal, mas é pago.

4ª) até onde sei, os feriados que temos são para todos os brasileiros; não são?

Por fim, o jornalista pede que coloquemos a mão na consciência, pois “tem vida muito mais difícil” do que a nossa.

Resumo: o jornalista quer que deixemos de lutar pela dignificação da carreira mais importante - e paradoxalmente a mais humilhada - dentre todas as carreiras de nível superior. Poucos de nós não são mestres e doutores.

Logo, nossa luta continuará.

Convite a Onofre: participar de nossa próxima assembleia (dia 31, às 14h, na Adufmat) e defender perante os professores suas ideias sobre “grevismos”.

*Roberto Boaventura da Silva Sá
Dr. Jornalismo/USP; Prof. Literatura/UFMT*

NOTA

O Comando Local de Greve (professores Roberto Boaventura e Maelisson Neves, acompanhados pela Laís, do DCE) esteve em Barra do Garças nessa quarta-feira, 29/07.

Motivo: debater os últimos detalhes da pauta interna daquele campus.

RESTOS DE CUIABÁ



No último dia 17 de julho, uma sexta-feira, recebi um email de meu instituto com o seguinte teor: “a Gerência de Administração e Planejamento está solicitando que quem tenha microscópio para arrumar entre em contato urgente com “x”, visto que a empresa virá à Sinop na próxima semana. ”Em outro email relacionado ao mesmo tema, enviado no dia 20 de julho, segunda-feira: “Pedimos desculpas quanto ao curto prazo, entretanto justificamos que somente tivemos uma definição sobre os serviços no final da tarde da última sexta-feira. Reforçamos a importância na entrega dos equipamentos, tendo em vista que não temos previsão de novas manutenções”.

Esses e-mails tiveram uma importância imediata e imensa para mim, professora de primeiro semestre com turmas grandes e falta crônica de microscópios. Desde que passei a ser servidora da UFMT, há 6 anos, nunca foi realizada a manutenção de um microscópio sequer. Novos aparelhos chegaram, o que permitiu que as aulas práticas continuassem, mas os que eventualmente apresentaram algum defeito que não pôde ser consertado foram sendo encostados, até chegarem a ocupar uma bancada inteira dos laboratórios que utilizo, como se fossem uma espécie de decoração relacionada ao “Laboratório de Microscopia”.

Imediatamente reorganizei minhas atividades e priorizei os procedimentos solicitados para encaminhar os microscópios para conserto. Procurei o setor responsável, o STI, o que por si só já demonstra uma certa precariedade com a atenção aos equipamentos de laboratório, para saber se deveria levar os equipamentos até eles, ou se o serviço técnico é que iria aos laboratórios. Fui informada de que deveria entregar os equipamentos no setor, e assim o fiz, na data de 22 de julho. Eu tinha um total de quarenta aparelhos necessitando de manutenção, e o otimismo era tal que mesmo com o auxílio de poucos, tendo que transportar os aparelhos em condições questionáveis - meu carro - e fazer isso debaixo do sol de Mato Grosso a toque de

caixa por conta do prazo exíguo, fiz de boa vontade. Faria de todos os laboratórios se tivesse tempo e energia, pois devo ser a professora que mais reclama da falta de manutenção destes equipamentos, e acho que quem reclama deve ser o primeiro a se prontificar em cooperar com a resolução do problema.

“ATÉ QUANDO TEREMOS APENAS OS RESTOS DE CUIABÁ?”

No entanto, não pude deixar de refletir sobre a falta de cuidados com os equipamentos, que tinham de ser deixados no chão, e por serem equipamentos utilizados para manipular material biológico desconhecido dos servidores da Tecnologia da Informática, permaneciam no local gerando um imenso desconforto e uma certa insegurança para os mesmos. Tive que tirar umas fotos, documentar o que eu estava vendo, tal a tristeza que me deu. Não que nossos microscópios sejam caríssimos, mas e se fossem? Não sou eu quem ensina no início do curso que não importa o valor de um equipamento, a responsabilidade do profissional deve ser a mesma? E eu estava transportando os aparelhos no carro e largando-os no chão... mas tudo bem, ou era assim ou seriam mais 6 anos talvez sem manutenção de microscópios. Junto dos computadores havia projetores apinhados, caixas de computador, vários equipamentos de laboratório quebrados e sem conserto (já tendo ido e voltado de Cuiabá), e os microscópios no chão. Pensei em perguntar pro meu colega se não seria bom colocar uma planta ali, mas achei que ele consideraria ser deboche.

E aí vem a parte final, que me provocou a tal ponto de eu pedir este espaço para escrever o que aconteceu, ou publicar de alguma forma o ocorrido. Na tentativa de saber se eu poderia acompanhar a equipe técnica que

virá ao campus consertar os aparelhos, fiquei sabendo que na verdade não serão todos os equipamentos que poderão ser consertados, pois na verdade estamos utilizando uma “sobra de ata de manutenção de Cuiabá”. O número possível de consertos é limitado, e só alguns microscópios de cada laboratório serão consertados. Fiquei tão pasma que emudeci. Dos quarenta que eu trouxe, do laboratório pro carro, do carro pra o setor de informática, debaixo do sol, um dia inteiro de trabalho, quantos serão? Uns dez talvez, avaliando o mar de microscópios no chão da STI. Penso em quantos professores nem trouxeram seus equipamentos pois, diferentemente de mim, já sabiam que seria assim, esse desrespeito, falta de caso, desconsideração e por aí vai. Lembro de quando enviamos equipamentos para Cuiabá que voltaram quebrados muito tempo depois.

E quando a gente começa a lembrar, lembra muita coisa... Até quando teremos que dar conta de administrar nossas atividades com os restos de Cuiabá? Ou sem nada, quando não sobra? Espero que alguém que leia esse texto possa se colocar no meu lugar e perceber porque eu gostaria tanto que o campus de Sinop não fosse mais subordinado a Cuiabá. As fotos eu vou guardar, desse 22 de julho de 2015, pois sei que a esperança que senti de manhã foi tão legítima quanto a tristeza do fim do dia. Dia de marcha em Brasília e eu tive a minha marcha em Sinop. Quem sabe um dia teremos um setor de manutenção de equipamentos de laboratório, quem sabe poderemos trabalhar com mais eficiência e eficácia e nos sentir respeitados como profissionais; 22 de julho já está acabando e eu lembro de 2012, tantas esperanças e tão pouco mudou. Nesse momento, eu como servidora pública e professora de uma universidade federal me sinto um daqueles microscópios que larguei no chão da sala.

*Gerdine Sanson
Professora da UFMT-Sinop*



04/08 às 9h - Ato em frente a Receita Federal de MT

06/08 - Ato unificado em Brasília

06/08 às 18h - Balanço da Greve na Adufmat (Atividade cultural para pensar a greve)

EM SINOP, PROFESSORES DA UFMT QUEREM AUTONOMIA DO CAMPUS



Mais de 60 dias de greve nas universidades federais do país e está claro que o ponto de pauta mais importante do Movimento Docente é justamente o mais ignorado pelo governo: estrutura.

Em reunião realizada no dia 24/07, o Comando Local de Greve da UFMT - Cuiabá, representado pelos professores Roberto Boaventura e Reginaldo Araújo, ouviu os professores do Campus de Sinop, que aderiram à paralisação no último dia 20. Os docentes relataram que a dependência financeira e administrativa de Cuiabá é um dos principais problemas enfrentados.

Autonomia do Campus é o que vai orientar a pauta local de reivindicações de Sinop, assim

como a do Araguaia. Na última semana, um artigo intitulado “Restos de Cuiabá”, assinado pela professora Gerdine Sanson e publicado no site da Adufmat-Ssind, escancarou um episódio que ilustra bem o cotidiano de dependência. Empenhada em agilizar o conserto de equipamentos quebrados há cinco anos, a professora lotou um espaço com dezenas de microscópios, mas depois foi informada de que a empresa consertaria apenas alguns, pois a quantidade contratada já havia sido parcialmente preenchida com equipamentos de Cuiabá.

Os docentes têm suas pautas internas como instrumento de denúncia. De acordo com os relatos, em Sinop, além da ausência de autonomia, que inviabiliza diversos processos internos, há professores sem sala, sem equipamentos, materiais e até mesmo móveis. Além disso, vários depoimentos indicam ações que caracterizam assédio moral por parte da administração, intervenção excessiva do Ministério Público, situações de insalubridade e problemas no preenchimento do Plano Individual de Atividades. É grande também a preocupação com relação a reestruturação da carreira.

Docente da instituição desde 2006, Edson Barbosa lista como algumas consequências da “cultura unicampi” a falta de verba para participar de reuniões de conselhos em

outras cidades e a não efetividade do Conselho do Campus. O professor também ressalta problemas de infra estrutura, contratação de servidores e ofertas de serviços, em especial nos cursos noturnos. “Nós temos alunos que moram em cidades diferentes, têm dificuldade pra protocolar um documento, porque o protocolo só funciona num determinado horário”, pontua.

Em mais de duas horas de diálogo em Sinop, com cerca de 25 professores, não se ouviu falar de reposição salarial. Não que o Movimento não se importe, mas como ressaltou o professor Rogério Coimbra, de que adianta reajustar os salários se não houver condições de trabalho? No entanto, esse é o único ponto até o momento que o governo “abriu diálogo”, apresentando uma proposta abaixo do índice inflacionário previsto para os próximos quatro anos.

Em âmbito nacional, os docentes, que reivindicam aumento de recursos e investimentos, esperam reverter o corte superior a R\$ 9 bilhões da verba destinada ao Ministério da Educação. Foi o terceiro ministério com maior corte devido ao reajuste fiscal.

Luana Soutos
Assessoria de Imprensa do Comando
Local de Greve da Adufmat-Ssind

SERVIDORES PÚBLICOS FEDERAIS EM GREVE QUESTIONAM CRISE

Um olhar diferenciado sobre a crise. Esse foi o ponto central que os palestrantes do debate “Análise de Conjuntura e Mundo do Trabalho” trouxeram aos servidores que acompanharam a mesa. Como atividade de unificação da greve dos servidores públicos federais, o evento, realizado no dia 28/07, na sede do INSS, reuniu representantes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) e Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

Rodrigo Silva, membro do Núcleo de Educação Popular 13 de Maio e servidor do IFMT, apresentou em sua exposição algumas matérias jornalísticas que trazem informações recentes de aumento nas vendas e nos lucros de empresas como Mercedes Benz e Itaú. “Que crise é essa em que há aumento de lucro?”, questionou. Em resposta, afirmou que a crise é um discurso utilizado para justificar demissões e flexibilizações de direitos trabalhistas para evitar a redução nos lucros das grandes empresas.

Para Silva, quem sofre com a crise são os trabalhadores, que além de verem seus direitos reduzidos, perdem também com a retirada de recursos públicos de serviços como educação, saúde e previdência. O

governo, no entanto, não economiza sua receita. Ele desloca recursos dos setores públicos para privados, garantindo a estabilidade do setor empresarial.

“A Kroton é a empresa na área da educação superior que mais lucra”, lembrou a professora da UFMT, Vanessa Furtado. Como psicóloga, sua exposição relacionou o contexto da crise com reflexões sobre a percepção subjetiva do trabalho em nosso cotidiano. “Vários aspectos do mundo do trabalho nos atingem de modo subjetivo, no âmbito pessoal e também no coletivo”, afirmou.

Sobre a crise, a professora reforçou a ideia de que esta vem como justificativa para uma política de exceção, flexibilizando as relações de trabalho e empurrando privatizações e terceirizações. “A Mercedes Benz e o banco Itaú, que aumentaram seus lucros, não são empresas de cunho popular. Então, de que crise nós estamos falando? Quem paga essa crise? Por que o Estado retira dinheiro do público para injetar no privado?”, provocou.

Numa contextualização histórica, Furtado relacionou, ainda, as condições precárias e as lutas atuais dos trabalhadores com momentos marcantes, tal como a Revolução Industrial. No Brasil, lembrou da década de 1940,



quando os trabalhadores tiveram seus primeiros direitos legalmente reconhecidos com a CLT.

As intervenções dos participantes confirmaram a compreensão de que há recursos, mas concentrado nas mãos de grandes grupos econômicos. Além disso, concordaram que a greve é um importante instrumento de luta dos trabalhadores e que deve haver união das categorias nesse momento.

Luana Soutos
Assessoria de Imprensa do Comando
Local de Greve da Adufmat-Ssind